

# PUCViva?

N.º 652 - 31/3/2008

Jornal semanal da APROPUC e da AFAPUC

**TEREZA MARIA SÉRIO,  
A TÊIA,  
CRITICA A PASSIVIDADE DA  
COMUNIDADE DIANTE DO  
PROCESSO SUCESSÓRIO**

FOTOS MARCELA ROCHA



Participantes do ato aprovam por aclamação o manifesto das entidades contra a repressão na PUC-SP

## ATO-DEBATE CONTRA A REPRESSÃO LOTA AUDITÓRIO DA PUC-SP

A sala 239 ficou pequena na noite da terça-feira, 25/3, ao receber os participantes do Ato-Debate Contra a Repressão na PUC-SP. Organizado pelo Comitê Contra a Repressão, o encontro contou com a participação de nomes que fizeram história na universidade, como Plínio de Arruda Sampaio e o professor Luiz Renato Martins, além de representantes dos professores, funcionários e estudantes.

A abertura do evento ficou por conta de Priscilla Cornalbas, presidente da APROPUC, que leu o manifesto que pede a imediata retirada do processo punitivo contra nove estudantes. O documento é assinado pelo Conselho de Centros Acadêmicos, AFAPUC e pela própria APROPUC. O manifesto foi calorosamente aclamado pela plateia. Em seguida, foi exibido um vídeo sobre a repressão ao movimento estudantil, produzido por es-

tudantes do curso de Jornalismo.

### Redesenho neoliberal

O primeiro a se manifestar foi o ex-deputado federal Plínio de Arruda Sampaio. O intelectual mostrou solidariedade com os estudantes perseguidos e fez um paralelo entre o que está acontecendo atualmente na PUC-SP e o grande ataque que a Educação está sofrendo em todo o mundo. Para ele, o Redesenho Institucional da PUC-SP repete o de várias outras instituições de ensino, e possui um claro objetivo: tirar direitos do povo. Plínio lembrou que os diversos redeseños e reengenharias que assolam outros países do mundo fazem parte do receituário neoliberal.

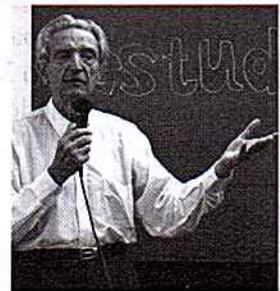
O professor também acredita que a PUC-SP precisa ser repensada, e não redesenhada. Ele lembrou o pa-

pel da Igreja Militante, que atuava ao lado do povo na época que a PUC-SP foi criada. E concluiu que, hoje em dia, tanto a Igreja como a socie-

continua na página ao lado

### Porque sou contra a punição dos estudantes

"Sou contra qualquer espécie de repressão. Repressão é algo destinado a alguém que comete um ato ilegal. Estu-



dante que protesta não está cometendo um ato ilegal. A universidade é uma comunidade, e toda comunidade pode ter problemas. Mas as maneiras de resolver os problemas da universidade não passam pela repressão, e sim pelo diálogo democrático".

*Plínio de Arruda Sampaio, ex-deputado federal por São Paulo*

## Ato-debate contra repressão lota auditório da PUC-SP

continuação da capa

dade vêm a educação como uma forma de criar “mão-de-obra barata intelectual”, fazendo com que o pensamento crítico seja cada vez menos praticado.

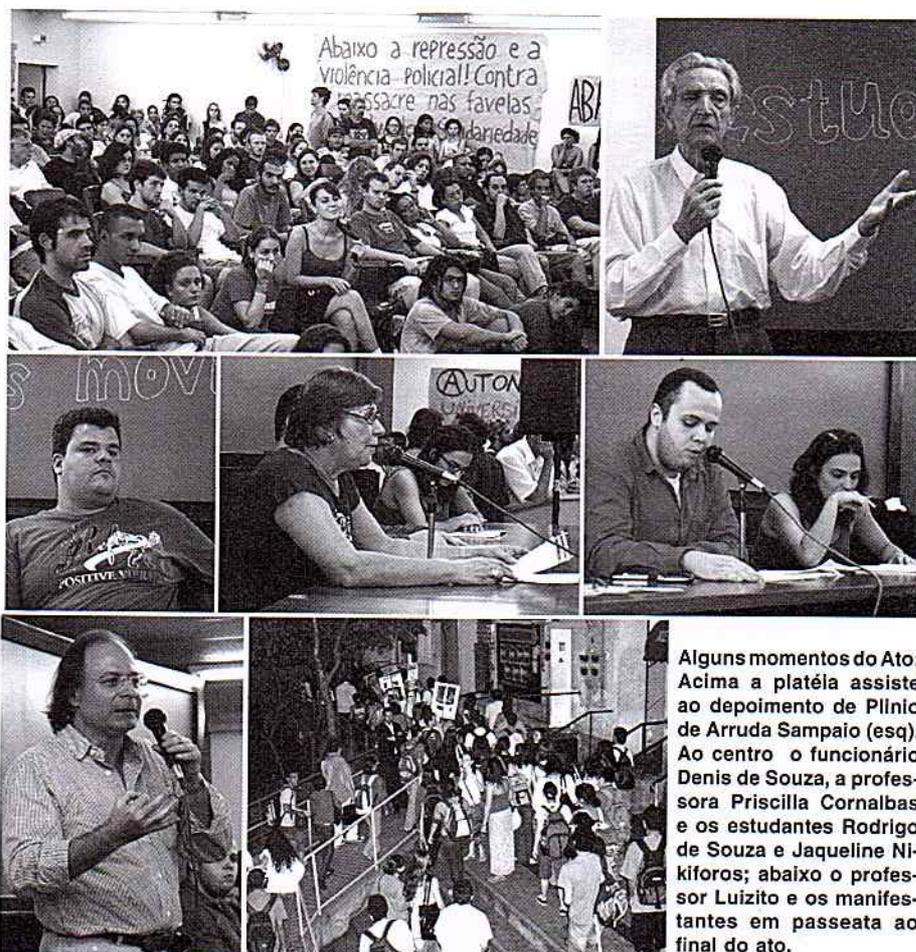
Plínio alertou que a universidade não se exclui da sociedade, e que as lutas precisam se fundir. Ele afirmou que é preciso “criar uma ruptura socialista, onde toda a sociedade participe do diálogo em condições de igualdade”. Comentou que, em uma sociedade deteriorada, somente um gesto selvagem chama a atenção, legitimando as maneiras de luta usada pelos movimentos sociais.

“A PUC-SP tem história em um país sem história”, apontou, referindo-se ao esforço para enfrentar a ditadura e a participação na luta pela democracia. Lembrou que a PUC-SP sempre abrigou grandes nomes, entre ele Florestan Fernandes. O intelectual fez menção a seu filho, Plínio de Arruda Sampaio Júnior, preso durante a invasão da polícia em 1977. Foi aplaudido de pé após falar sobre a importância da juventude para a sociedade e alertar que, em muitos casos, o bom senso está do lado dos jovens.

## Universidade ou balcão de negócios?

A palavra passou para o professor da USP Luiz Renato Martins, carinhosamente chamado de Luizito, demitido da PUC-SP em 1991 por participar de uma greve. Ele também lembrou o passado histórico da universidade e fez críticas ao processo de privatização da Educação que está acontecendo em todo país. O professor também propôs a estadualização da universidade e defendeu uma educação pública, livre e gratuita. “É inaceitável que se lucre com a educação”, enfatizou.

Luizito lembrou que foi realizado



FOTOS MARCELA ROCHA

Alguns momentos do Ato: Acima a platéia assiste ao depoimento de Plínio de Arruda Sampaio (esq.). Ao centro o funcionário Denis de Souza, a professora Priscilla Cornalbas e os estudantes Rodrigo de Souza e Jaqueline Nikiforos; abaixo o professor Luizito e os manifestantes em passeata ao final do ato.

na década de 1980 um plebiscito sobre a forma de gerenciamento da universidade. Cerca de 60% da comunidade votaram a favor da estadualização, mas o resultado foi cancelado. Sobre a atual situação, Luizito foi firme: “do ponto de vista daqueles que estão no poder, PUC-SP não é uma universidade, é um balcão de negócios. Os banqueiros já estão aqui dentro”.

Em nome da AFAPUC, o funcionário Dênis de Souza Silva manifestou todo o apoio da entidade ao movimento contra a repressão existente na PUC-SP. Também estavam presentes dois estudantes que sofrem hoje a perseguição da universidade através do processo administrativo.

## Não à intimidação

Jaqueline Nikiforos, do curso de Jornalismo, falou sobre os pequenos sinais de repressão sedimentados nos últimos quatro anos, e que culminaram na invasão da Tropa de Choque em novembro de 2007. Ela destacou que punição aos nove estudantes é uma tentativa de silenciar o movimento estudantil e fez um apelo:

“não levem a sério essa tentativa de intimidação”.

Ao final das intervenções, o professor José Arbex Jr lamentou o falecimento do jornalista Sergio de Souza e pediu um minuto de silêncio em homenagem ao fundador e diretor da revista *Caros Amigos*. Arbex ainda lembrou que “a liberdade é o bem maior do ser humano”. Após a homenagem, diversas entidades expressaram sua solidariedade aos estudantes. Estavam presentes: Conlute, CA de Ciências Humanas da Unicamp, Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física, DCE da UFGO, DCE da UFMG, DCE da UFRJ, DCE da UFSC, DCE da UFPR, DCE da UEM (Maringá), DCE da UFJF (Juiz de Fora), DCE da USP, Diretório Acadêmico Geografia Científica da UFMG, Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Fundação Santo André e Frente de Oposição de Esquerda (FOE).

A luta contra a repressão aos estudantes da PUC-SP continuará com o recolhimento das adesões ao abaixo-assinado do Comitê, reivindicando a retirada das punições aos estudantes.



Alguns momentos da polêmica sessão do Consun: acima, conselheiros votam sem a presença da comunidade; abaixo, à esq. a reitora Maura Véras durante o protesto dos estudantes, à dir. a sala P-65 lotada

**CONSUN**

# A portas fechadas, conselheiros votam primeiros itens do Redesenho

Com entrada proibida para professores, funcionários e estudantes, o Conselho Universitário começou a votar o Redesenho Institucional da PUC-SP. A sessão foi realizada na quarta-feira, 26/3, numa pequena sala do 3º andar do prédio da Cogea, na Rua Cardoso de Almeida.

A anômala proibição, inédita até então, aconteceu em razão do protesto estudantil contra a forma como vem sendo conduzido o processo de mudança institucional. Logo de manhã, um grande número de estudantes havia tomado toda a sala P-65 e os corredores do Prédio Velho. Iniciada a sessão, a reitora Maura Véras mais uma vez levantou o argumento de que a sala não comporta um número elevado de participantes. Depois de apreciados dois itens da pauta, os conselheiros decidiram transferir a reunião para o Tuca, por sugestão da conselheira Ana Bock, da Faculdade de Psicologia.

No teatro, os protestos continuaram. Maura Véras logo anunciou a impossibilidade de continuar a reunião, declarando que o Consun entraria em sessão permanente, podendo

ocorrer nova chamada a qualquer momento.

Logo no início da tarde, sem que a comunidade fosse informada, a Reitoria convocou a continuidade da reunião para o auditório da Cogea. O acesso à comunidade foi proibido a partir das 15h. Para amenizar a situação, a Reitoria garantiu a transmissão da sessão pela Internet.

## Polícia, de novo

Do lado de fora do prédio, os estudantes continuaram a manifestar-se ruidosamente. Os conselheiros decidiram refugiar-se numa acanhada sala do 3º andar.

A polícia chegou com cinco viaturas à porta da Cogea, onde os zelosos seguranças da Graber anotavam com carinho cada manifestação dos presentes. Segundo o *PUCviva* pôde apurar, assessores da Reitoria passavam informações contraditórias aos policiais, numa tentativa de desqualificar o movimento dos estudantes. Diante da iminência de um confronto, nossa reportagem procurou outros integrantes da Reitoria, que se prontifi-

caram a desfazer o mal-entendido.

## Voto contrário

Logo que os trabalhos se instalaram, o conselheiro Dirceu de Mello, da Faculdade de Direito, retirou-se da sala. Ele alegou não concordar com a situação uma vez que a sessão estava sendo realizada a portas fechadas, em local desconhecido e sem qualquer tipo de publicidade, o que afronta as normas constitucionais. Os outros conselheiros deram continuidade à sessão, votando as primeiras decisões da proposta-guia (veja nesta edição os pontos aprovados).

Por outro lado os estudantes do Centro Acadêmico XXII de Agosto impetraram um mandado de segurança contra a Reitoria e o Consun, pedindo anulação do processo de Redesenho. A tese fundamental dos estudantes é que a Educação é um serviço público e, como tal, deve seguir os princípios do Direito Administrativo que consagra, entre outros requisitos, participação e transparência. Até o fechamento desta edição, não havia decisão final sobre o pedido.

## EDITORIAL

# Falência múltipla dos órgãos

O Consun decidiu que os estudantes, professores e funcionários não podiam assistir à discussão e votação do "Redesenho Institucional". Não concluído o glorioso trabalho, o Consun resolveu que a próxima sessão não será de conhecimento público. Esta síntese dos acontecimentos do dia 26 coroa o processo burocrático-corporativo-autoritário que pariu "propostas" de mudanças no funcionamento da PUC-SP e que estão perto de serem costuradas no organismo máximo de representação.

Os conselheiros, em sua grande maioria, acharam por bem evitar os protestos dos estudantes, que lhes tirariam a concentração e prejudicariam o exercício da aguda responsabilidade de modificar o desenho da instituição. É preciso paz de espírito para não errar. Mas uma outra razão, talvez a mais forte, ou uma razão tão forte que se iguale à outra, é que a algazarra da manifestação estudantil, de uma minoria desqualificada para contribuir com o futuro promissor da universidade, inviabilizaria o funcionamento do Consun. Como um organismo dito democrático poderia decidir sobre matéria de tal relevância estando sob protesto coletivo?

Assim, os conselheiros acharam por bem mudar o local tradicional das reuniões. A sala P-65 do Prédio Velho - como carinhosamente se popularizou -, que abrigou manifestações ruidosas durante a maximização e as demissões de professores e funcionários, desta vez, não poderia suportar o peso da responsabilidade dos conselheiros e do afluir de palavras de ordem contra o Redesenho. Nada melhor do que o prédio da Cogee, sólida construção, portas seguras e recinto indepassável. Condições necessárias para fluir o murmúrio das decisões. Lá fora, estudantes e polícia se espreitavam. Vai não vai... Não vai. O Consun estava definitivamente impermeabilizado.

O dragão comeu a PUC do Prédio Velho. Como poderia o antigo sonho de uma universidade privada cobrir-se de pública, de comunitária e de democrática? Os tempos são outros. Mudam as pessoas, os pensamentos, as convicções. A ditadura já não existe. A democracia universitária virou eco. As universidades públicas se foram indo e ainda estão indo. É hora de se banhar no mercado.

Viva o TERMO DE AJUSTE DE CONDUTA! Souo o Tic-tac. Tudo que não tictaquear está desconectado. Evoca-se a força para esmagar a pedra que perturba a engrenagem do relógio. Não mais importa guardar a múmia de antanho. Tropa de choque neles - são baderneiros, não respeitam a democracia do silêncio! Comissão de sindicância neles - são depredadores dos bens da sala da Reitoria! Fora do Consun - são violadores de nossa liberdade!

Falência múltipla dos órgãos. Morreu.

Mas os que resistem à mercantilização estão do lado do trabalho, do ensino livre, do pensamento crítico, da cultura viva, do questionamento dos valores da escola de classe, da universidade pública, do acesso dos pobres e oprimidos a todos os níveis da educação, das decisões coletivas em assembleias, congressos, comitês.

Somos minoria hoje, amanhã seremos maioria, lutando. As espadas estão desembainhadas contra nós. Somos importantes. Desafiamos os mercadores. Hoje resistimos, amanhã avançaremos.

A mercantilização da educação é sua destruição. O seu futuro está no ensino público e gratuito, vinculado à produção social. A universidade da minoria continua de pé. Mas morta. A história terá de resgatá-la e transformá-la em propriedade comum de toda sociedade.

Viva nossa luta contra a mercantilização da universidade! Abaixo a repressão reacionária ao movimento estudantil!

*Erson Martins de Oliveira,  
Diretor da Apropuc.*



Enquanto os conselheiros votam a portas fechadas, a polícia e os seguranças da Gruber impedem a entrada no prédio da Cogee (acima). No destaque a frota da PM encarregada de vigiar os estudantes.



FOTOS DE MARCELA ROCHA

## REDESENHO

# Consun começa a definir nova estrutura da PUC-SP

As primeiras formulações concretas do Redesenho Institucional foram definidas na sessão extraordinária do Conselho Universitário de 26/3 - da qual só os conselheiros e alguns professores puderam participar.

A principal aprovação para foi a nova estrutura de gestão da universidade, que agora abará um reitor, um vice-reitor e cinco Pró-Reitorias: Graduação, Pós-Graduação, Cultura e Relações Comunitárias, Educação Continuada, Planejamento e Desenvolvimento de Gestão. Também foi aprovada a manutenção de um Chefe de Gabinete e de um Secretário Geral. Falta definir quais coordenadorias devem compor cada Pró-Reitoria.

## Estrutura acadêmica

Também foram aprovadas mudanças na estrutura acadêmica da universidade. A PUC-SP terá oito unidades constituídas por departamentos, congregando cursos de graduação, pós, educação continuada e cursos superiores de

tecnologia. O objetivo é melhor articular ensino, pesquisa e extensão.

As unidades contemplarão: 1) Economia, Administração, Contábeis e Atuariais; 2) Ciências Médicas e Biológicas; 3) Direito; 4) Ciências Matemáticas e Naturais, Engenharias e Computação; 5) Ciências Humanas e da Saúde; 6) Educação; 7) Comunicação, Letras e Artes; 8) Ciências Sociais.

Ainda não foi decidido se o formato será de Faculdades ou Institutos. O conselho ainda precisa determinar quais cursos devem integrar cada unidade. Existe a possibilidade de Educação integrar a área de Ciências Humanas e da Saúde. Neste caso, haveria sete grandes áreas, ao invés de oito.

Uma nova reunião do Consun acontece nesta segunda-feira, 31/3, às 8h30. Até o fechamento desta edição, o local não havia sido divulgado. Não se sabe se a comunidade poderá assistir presencialmente às discussões que mudarão a cara de sua universidade.

**PUCViva** Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

**Apropuc:** Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

**Atapuc:** Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

**PUCViva:** 3670-8004 - **Correio**

**Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) - **PUCViva na Internet:**

[www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

**Editor:** Valdir Mengardo

**Sub-editor:** Leandro Divera

**Reportagem:** Victor Sousa e Otávio Nagoya

**Fotografia:** Marcela Rocha e Bruna Campos

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

# Debate aponta necessidade de um novo olhar sobre a violência

O lançamento oficial da *Revista PUCviva* nº 30 aconteceu em dois períodos na quinta-feira, 27/03, na sala 333 do Prédio Novo. Professores e colaboradores apresentaram os temas de seus artigos e conversaram com o público. Todos os aspectos abordados pareciam convergir para um mesmo caminho: é preciso um outro olhar para a violência, mais factual e menos mítico.

Durante a manhã, a professora Marisa Fefferman iniciou a conversa apresentando a relação subjetiva que se estabeleceu entre o homem e a sociedade, especialmente com relação à violência. Com a Indústria Cultural transformando todo fenômeno cultural em mercadoria, a violência acaba incluída nesse processo. Com o ego fragilizado e sem mecanismos para lidar com o mundo, o cidadão vira-se para si mesmo, não conseguindo enxergar a realidade ao seu redor, explicou.

Wagner Hosokawa, formado em Serviço Social pela PUC-SP, expôs ao público sua pesquisa realizada em penitenciárias. Segundo ele, os meios de comunicação, ao individualizarem os presos e não contextualizarem sua situação social, criam uma distorção da realidade. Um dado que comprova sua tese é o de que 106 dos 320 entrevistados justificaram seus crimes por motivo de desemprego, problemas financeiros, apoio à família e ambição.

A professora Laisa Regina dissertou sobre a violência doméstica, sua relação com a discussão de gênero e a confusão entre o público e o privado. Márcia Accorsi denunciou que os moradores de rua são tratados como seres descartáveis pela sociedade moderna. A pesquisa de Juliana Abramides sobre jovens da Cracolândia, entre outros aspectos, buscou expor as políticas repressivas do Estado contra cidadãos excluídos.



Acima: debatedores compõem a mesa no período da manhã. À esquerda: platéia da sala 333 assiste ao debate noturno.

FOTOS BRUNA CAMPOS E MARCELA ROCHA

Willys Santiago, professor da Faculdade de Direito, refletiu sobre a relação entre Direito e violência. “A ditadura no Brasil foi um golpe constitucional, as leis acabaram se tornando uma espécie de instrumentalização da violência”, exemplificou.

## Violência Social

O período da noite teve o mesmo formato que o anterior. A professora Priscila Cornalbas, presidente da APROPUC iniciou o evento definindo a violência como um “fenômeno social que expressa o grau de miséria que a classe trabalhadora enfrenta na exploração do trabalho”. Em seguida chamou para a mesa os professores e colaboradores da *Revista PUCviva* nº 30.

O primeiro a ser chamado foi Acácio Augusto, mestrando no Programa de Pós-Graduados em Ciências Sociais, em seguida Isaura Isodi Oliveira e Rosalina Santa Cruz, professoras da Faculdade de Ciências

Sociais. Compuseram a mesa Francisco Fonseca, professor de Ciência Política da FGV-SP e Luzia Fátima Baierl, professora da Faculdade de Ciências Sociais, além de Marisa Feffermann e Juliana Abramides dos Santos, que participaram do evento no período da manhã.

Luzia Fátima analisou os efeitos do medo social e como ele é construído a partir das relações de poder cotidianas. Já Acácio Augusto explanou sobre a violência institucionalizada e defendeu a real possibilidade de não internar mais ninguém no país. Isaura Isodi abordou, em seu artigo, a percepção de mulheres que são diretamente afetadas pela violência. Francisco Fonseca explicou seu texto sobre os limites das políticas de segurança pública e a professora Rosalina estava na mesa representando seus estudantes que colaboraram com essa edição da revista. Após a apresentação, houve um espaço reservado para o debate com a platéia.

## SUCESSÃO

# “A nova Reitoria deve reinaugurar as relações na comunidade”

*Figura de destaque na PUC-SP, Tereza Maria Sérgio, a Téia, leciona na Faculdade de Psicologia desde 1981, tendo passado pelo Ciclo Básico, graduação e pós. Ingressou na PUC-SP como aluna em 1968, tendo participado dos principais momentos políticos desta universidade.*

### AVALIAÇÃO DA GESTÃO MAURA

Meu balanço da gestão Maura Vêras é bastante negativo. De alguma forma rompeu-se o diálogo mais sistemático, mais democrático entre a direção da universidade e os professores. Isso ocorre principalmente a partir das demissões em massa. Elas acabam com um padrão de relacionamento que tinha se estabelecido entre professores e gestão há algum tempo. Já houve crises sérias de atraso de salários, mas de alguma forma o diálogo foi mantido. Ainda que nem sempre vitoriosos, nós professores saíamos fortalecidos, com disposição para continuar participando da universidade. O processo que culminou com as demissões rompeu a prática de diálogo, impondo um padrão de tratamento autoritário, de fora pra dentro, obscuro e não explicitado.

As regras que pautaram as demissões até hoje não estão claras. Na minha Faculdade, pessoas importantes foram demitidas, e até hoje não sabemos o motivo. É assim que esta gestão pauta seu relacionamento com professores e funcionários.



***“Internamente, a PUC-SP hoje se apresenta como uma universidade conservadora, sob todos pontos de vista”***

### CRISE, MAXIMIZAÇÃO E REPRESSÃO

Também não ficou claro qual o impacto das demissões para a solução da crise financeira. Sou contra resolver a crise financeira dessa forma, mas isso foi apresentado como solução e não tivemos resposta. Foi uma atitude autoritária, não-acadêmica, sem que tivéssemos qualquer avaliação posterior sobre seu impacto.

Houve ainda a maximização, em que a Reitoria mostrou inabilidade e incompetência na análise dos contratos dos professores. Além disso, os dados apresentados para justificar a maximização não estavam completos. Mais uma vez, não houve avaliação a respeito disso.

Quanto ao ocorrido com os estudantes, houve atitude policial. Não vou avaliar o comportamento dos alunos, mas, mesmo que tenha sido inadequado, não cabe ao educador usar de recursos tão violentos quanto. Foi instaurada na universidade uma prática repressora totalmente desconhecida pela comunidade universitária. Totalmente inadequada.

É impossível escolher alguns alunos e punilos em nome de outros. Não cabe ao conjunto de educadores que falam em nome de uma

instituição assumir essa postura diante de qualquer deslize do aluno, seja leve ou sério. Do ponto de vista político, então, é inqualificável. Os alunos devem aprender educacionalmente. Vejo, assim, uma gestão que rompeu relação com professores e com alunos.

## REDESENHO

Não tenho participado do processo. O redesenho foi uma tarefa imposta de fora para dentro da universidade e é bobagem participar disso achando que estamos discutindo uma melhora da universidade. É falso discutir interdisciplinaridade, juntar faculdades ou cursos em nome de integração. Tudo começou com a necessidade de economizar, de diminuir, por exemplo, os gastos com a administração da universidade. Se tivéssemos colocado o problema dessa forma, talvez a comunidade teria participado mais, o jogo estaria aberto. Foi tudo mascarado. Foi dito que a comunidade reconhece que é preciso rever a estrutura. Mentira:

ela estava preocupada com demissões e repressão interna. Nenhum dos projetos que estão na mesa garantem economia, muito menos participação democrática. Isso está travestido de uma pretensa modernização pedagógica, com uma integração de cursos totalmente falsa, sem atender a nenhum critério pedagógico ou de produção de conhecimento.

## PRÓXIMA REITORIA

A gestão Maura Vêras termina como foi todo o mandato: de fora para dentro, não atendendo o andar da universidade, nem seus efetivos problemas. A próxima Reitoria deve começar daí, com um diagnóstico claro de quais são os problemas e de como inaugurar um novo padrão de relacionamento entre alunos, professores e funcionários.

Só não sei se isso é possível na PUC-SP a curto prazo. Percebo minha faculdade distanciada; não houve revolta diante da invasão, também

não houve mobilização diante da demissão e não há nenhuma diante do Redesenho.

Digamos que haja eleição – se houver. Não sei se haverá mobilização. Acho que nossa grande preocupação deveria ser buscar uma Reitoria que reconhecesse que o primeiro problema a enfrentar é a reinauguração das relações com os diferentes setores da universidade.

Mas o caminho da PUC-SP indica que a inexistência de eleições talvez não cause nenhum tipo de protesto além de uma carta ou um abaixo-assinado. Não vejo a comunidade tão ligada nessas questões. Não acho impossível que haja alguém nomeado, ou um mandato estendido, e nós protestando da forma de sempre.

## UMA OUTRA PUC-SP

Durante um período da sua história, a PUC-SP teve um posicionamento muito claro diante de questões mais gerais do país e da universidade. Pautada por essas posições procurou agir de forma coerente na

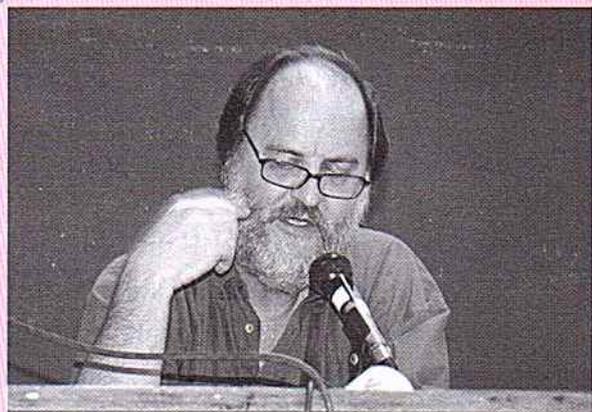
solução de seus problemas internos. Defendia uma democratização da universidade, e efetivamente produziu órgãos colegiados paritários, mantinha relações de diálogo com os diferentes setores. Construiu uma prática política diferenciada. De um tempo para cá, não se vê a presença da universidade em questões de nível universitário nacional.

A eleição de reitores foi uma prática iniciada na PUC-SP, além de outras alterações que começaram aqui e se expandiram para outras universidades. Hoje, não cumpre mais esse papel, é como outra qualquer, e talvez alguém de algumas delas. Internamente a PUC-SP se apresenta como universidade conservadora, de todos os pontos de vista – no trato com o professor, com o aluno, e na área acadêmica, onde não há nenhuma inovação.

Atualmente, a PUC-SP mantém algumas marcas, como a bolsa de iniciação científica, mas o que a separava do conjunto das universidades pagas do país, não separa mais.

***"É bobagem participar do Redesenho achando que estamos discutindo uma melhora da universidade"***

# Rola na rampa



Professor Antonio Rago Filho em sua palestra sobre A Sagrada Família, de Marx e Engels

## Curso Livre Marx e Engels supera todas expectativas

O Curso Livre Marx e Engels, promovido pela Boitempo Editorial, revista Margem Esquerda e pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em História/Departamento de História da PUC-SP, teve um número de interessados surpreendente: mais de 1200 pessoas inscreveram-se para as palestras, o que obrigou os organizadores a transferir a palestra de abertura para outro local. Também a palestra do professor Antonio Rago foi des-

dobrada em duas para que todos pudessem assisti-la. Nesta semana a programação segue normalmente com palestras na sala 333 e acompanhamento em um telão na sala 239. A programação é a seguinte: 31 de março Manuscritos econômicos-Filosóficos com Ruy Braga - 01 de abril Crítica da Filosofia do Direito de Hegel com Alysson Mascaro - 3 de abril Sobre o Suicídio com Maria Lygia Quartim de Moraes

## Universidade oferece aulas de Yoga

O PAC e a DRH, dentro do Programa Institucional de Saúde e Qualidade de Vida, estão promovendo aulas de Yoga para funcionários, professores e alunos da universidade. São dois os horários disponíveis: segundas e quartas-feiras, das 12h às

13h, na sala 519, ou terças e quintas, no Prédio Novo). A mensalidade é de R\$ 50. Professores e funcionários podem optar por desconto na folha de pagamento. Inscrições podem ser feitas no PAC (sala 63-G, térreo do Prédio Novo).

## Abril começa com Sipat 2008

A abertura da Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho acontece nesta quinta-feira, 03/4, às 15h, na sala P-65. O evento é organizado pela Comissões Internas de Prevenção de Acidentes dos câmpus de São Paulo (Monte Alegre, Marquês e Derdic). As atividades ocorrem ao longo do mês de abril. Confira a agenda nas próximas edições do PUCviva.

## Maio de 68 em pauta

Nesta terça-feira, 01/4 acontece no Museu da Cultura, o debate *Maio 68 - da Ditadura de Salazar à Revolução dos Cravos em Portugal* com participação de José Maria Carvalho Ferreira, da Universidade Técnica de Lisboa. O evento, que começa às 9h30, será realizado pelo Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária de pós em Ciências Sociais) e pelo Museu da Cultura.

## Nova peça no Tuca

O espetáculo *Virgolino e Maria - Auto de Angicos* estreou há poucos dias no Tuca, e fica em cartaz até junho. A peça tem direção de Amir Haddad, texto de Marcos Barbosa. No elenco, Marcos Palmeira e Adriana Esteves. As apresenta-

ções ocorrem de sextas e sábados às 21h, e domingos às 18h. A classificação etária é de 12 anos. O Teatro da Universidade Católica fica na Rua Monte Alegre, 1024. Os ingressos custam R\$40 às sextas e R\$50 aos sábados e domingos.

## Capoeira no quinto andar

Estudantes, funcionários e professores podem se exercitar com aulas de Capoeira da PUC-SP. As aulas acontecem em dois períodos distintos: segundas, quartas e sextas-feiras, das 12 às 13h, e às

segundas, terças e sextas-feiras, das 18 às 20h. As aulas são oferecidas pelo Centro Cultural Arte-Luta N'golo Capoeira. Maiores informações pelos telefones 8292-8958 ou 9101-1621

## Cultura francesa na PUC-SP

Ainda é possível acompanhar alguns eventos do congresso *A língua francesa, as literaturas e as culturas francófonas em destaque na PUC-SP*, organizado pelo Departamento de Francês e o Grupo de Pesquisa Interfaces do Ensino de Francês (Gief). Do dia 31/3 até dia 03/4 ocorre o I Forum In-

ternational de Lettrés - Français; do dia 03/4 até o dia 05/4, acontece o V Encontro de Pesquisa na Graduação em Francês/ I Colóquio em Eallef; a livraria francesa estará no espaço EDUC do dia 31/3 até o dia 05/4; e no prédio RBM algumas peças publicitárias francesas estão expostas.